EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA REALIDADE PARA ALUNOS TRABALHADORES

Jérsica Maria Santos Ferreira Bispo Paula Monique Rodrigues Ferreira Samantha Tábata Vieira Alves

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo conhecer as diferentes realidades dos alunos trabalhadores da EJA, compreendendo o perfil dos mesmos e verificando se as metodologias utilizadas são de fato adequadas a eles. Para um melhor entendimento acerca do assunto foram feitas leituras bibliográficas e também a pesquisa de campo, através de um questionário aplicado na instituição. A EJA deve considerar aspectos peculiares da identidade dos seus alunos que retoma a escolarização, como jovens e adultos que apesar das dificuldades estão ali para terem domínio da leitura e da escrita, garantindo seus direitos nas leis do nosso país, possibilitando aos mesmos uma formação integral e ampla de homens e mulheres de acesso a profissionalização e a empregabilidade, fazendo com que essas pessoas transformem sua velha situação opressora em uma nova, de libertação.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Alunos Trabalhadores.

INTRODUÇÃO

Na busca de melhor atendimento ao processo ensino-aprendizagem, a EJA (Educação de Jovens e Adultos) representa hoje uma probabilidade de acesso ao direito a educação sob uma nova opção legal, acompanhada de garantias nas leis de nosso país. Na Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal 9394/96), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (Resolução CNE/CEB 01/2000 e o Parecer CNE/CEB 11/2000) determinam que a EJA seja entendida como um direito uma vez que "a educação é um bem real social e simbolicamente importante", que dá a esses indivíduos a oportunidade de estudar, aprender a ler, escrever e calcular, possibilitando uma formação ampla e integral de homens e mulheres (NOVAIS, 2010).

Por tais razões este trabalho tem como objetivos principais conhecer as diferentes realidades socioeconômicas dos alunos da EJA, identificar o perfil desses alunos e analisar quais as metodologias adequadas para esta realidade.

O interesse pelo tema em questão surgiu a partir do estudo em uma disciplina do Curso de Pedagogia, que destacou a trajetória da educação de jovens e adultos, desde a sua origem até os dias de hoje, conhecendo dessa forma as diferentes dificuldades que enfrentam essas pessoas e a necessidade e vontade que elas têm, mesmo com a idade avançada em ter domínio da escrita e da leitura, quebrando o paradigma de que alfabetizá-los é simplesmente assinar e ler o próprio nome. São jovens e adultos trabalhadores que conforme Gadotti (2001) lutam para superar suas condições precárias de vida que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego e os baixos salários comprometem o processo de alfabetização desses jovens e adultos, fazendo-os muitas vezes desistir de fregüentar as aulas. Por isso de acordo com Maia (2001) o educador que vai trabalhar com os alunos da EJA deve relacionar os conteúdos com a vida dos alunos, com sua realidade existencial, pois na maioria dos casos eles sofrem com questões familiares, profissionais, conjugais, preconceito entre outras. Diante disso é indispensável que o professor além de mediador de informação também seja um estimulador a prática escolar para que a evasão não seja encarada de maneira normal e não aconteça com tanta freqüência.

No entanto a Educação de Jovens e Adultos veio para oferecer a esses jovens e adultos benefícios que devem ser garantidos à classe trabalhadora, ao possibilitar o acesso a educação e a profissionalização elevando o nível de escolaridade de uma população historicamente excluída do sistema educacional, promovendo dessa forma não só a inclusão educacional como também social de um grande contingente de jovens e adultos que não concluiu o ensino médio, focando assim a educação como importante meio para a empregabilidade e logo, para a redução da pobreza, se destacando especificamente para jovens e adultos, como um mecanismo de contenção da marginalidade.

Ressaltando que a educação deve ser de fácil acesso e ter como objetivo incluir essa população no mercado de trabalho com o devido preparo, mas para isso é necessário também que os educadores da EJA considerem a bagagem de experiência e conhecimento que seu aluno traz, para transformar as informações já adquiridas por esse aluno em conhecimento útil.

Este artigo será desenvolvido através das pesquisas bibliográficas e de campo. A pesquisa bibliográfica, segundo Medeiros (2004), é aquela feita através de leituras em livros, revistas e internet para uma melhor compreensão do tema, sendo de relevante interesse para a pesquisa que será utilizada. Também se fez necessária a pesquisa de campo, através de um questionário composto por perguntas abertas e fechadas.

A pesquisa foi realizada na Escola municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Presidente Tancredo Neves, localizada à Rua Rodrigues Dórea s/n, Bairro Ponto Novo, com a turma de EJA do 2º ciclo (3ª e 4ª série), através da qual foi possível coletar dados, investigando o meio a ser pesquisado, observando o que acontece na cotidianidade da realidade desses jovens e adultos, alunos trabalhadores e quais são as metodologias mais adequadas a esta realidade para um processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

REALIDADE E PERFIL DOS ALUNOS DA EJA

A realidade que cerca os alunos trabalhadores da EJA não é uma das mais fáceis. Essa população apresenta um grande contingente de jovens e adultos analfabetos ou com baixa escolaridade, mas que vêem na volta dos estudos uma nova chance de recuperar a auto-estima perdida e a identidade humana e cultural, que segundo O Instituto Unibanco (2006) vai favorecer a realidade existencial desses educandos, favorecendo-os novas conquistas, ações e ampliando sua visão de mundo, tornando-se conscientes e capazes de mudar sua realidade. Sabemos também que esses jovens e adultos são vistos como pessoas desqualificadas para o exercício da cidadania, sem contribuição como pessoas constitutivas e construtoras de conhecimento. São indivíduos que convivem e enfrentam preconceitos, críticas e discriminação, tanto no ambiente familiar como na vida em sociedade.

Vale ressaltar que os alunos e alunas da EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que esta visão esta mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o ver desse aluno, deixando-o preparado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga olhar que pensa.

Entretanto os alunos da EJA buscam a escola para satisfazer necessidades particulares, para se integrar à sociedade letrada da qual fazem parte por direito, mas da qual não podem participar plenamente quando não domina a leitura e a escrita. Os jovens e adultos buscam na escola, sem dúvida, mais do que conteúdos prontos para serem reproduzidos. Como cidadãos e trabalhadores que são esses alunos querem se sentir sujeitos ativos, participativos e crescer cultural, social e economicamente.

Em uma das questões aplicadas no EMEF Presidente Tancredo Neves, através de um questionário, os alunos revelaram que a escola é o meio de melhorar de vida e de ter um futuro promissor. Por isso:

A alfabetização e a educação de base de adultos devem partir sempre de um exame crítico da realidade existencial dos educandos, da identificação das origens de seus problemas e das possibilidades de superá-los. (RIBEIRO, 2001, p.23)

Nesta citação podemos considerar que a origem de nossos alunos é diversa. Cada um apresenta alguma dificuldade, preocupação e vontade de resolver, de superar os empecilhos e vê na escola essa possibilidade de enfrentar os seus obstáculos e de consequentemente vencê-los.

Porém, o conjunto cultural formado pelas pessoas que se encontram numa mesma série, numa sala de aula, é, então, extremamente rico. A cultura marca a visão de mundo e é a base aonde a construção de conhecimentos vai se dar. É fundamentalmente importante lembrar que o jovem e adulto analfabeto é um trabalhador, às vezes em condição de subemprego ou ate desempregado. De camadas populares, filhos de trabalhadores também não qualificados com baixo ou nenhum grau de instrução e com uma curta passagem pela escola.

Não podemos esquecer também que esses homens, mulheres, jovens, adultos ou idosos que buscam a escola pertencem todos a uma mesma classe social: são pessoas com baixo poder aquisitivo, que consomem, de modo geral, apenas o básico à sua sobrevivência: aluguel, água, luz, alimentação, remédios para os filhos (quando os têm). O lazer fica por conta dos encontros com as famílias ou dos festejos e eventos das comunidades das quais participam, ligados, muitas vezes, às igrejas ou associações, ou a televisão que é apontada como principal fonte de lazer e informação.

Uma característica freqüente do (a) aluno (a) é sua baixa auto-estima, muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar, pois conforme Ribeiro (2001) a sua eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma auto-imagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem. Grande parte desses alunos não tem consciência de que são portadores e produtores de cultura. Por isso estes jovens e adultos mesmo já tendo freqüentado anteriormente a escola volta a estudar.

A EJA não deve ser uma reposição da escolaridade perdida, como normalmente se configuram os cursos acelerados nos moldes do que te sido o ensino supletivo. Deve sim construir uma identidade própria, sem

concessões à qualidade de ensino e propiciando uma terminalidade e acesso a certificados equivalentes ao ensino regular. (GADOTTI, 2008, p.121)

Segundo Oliveira (1999) o adulto, para a educação de jovens e adultos, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que freqüenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo. Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo.

E o jovem, relativamente recentemente incorporado ao território da antiga educação de adultos, não é aquele com uma história de escolaridade regular, o vestibulando ou o aluno de cursos extracurriculares em busca de enriquecimento pessoal. Como o adulto anteriormente descrito, ele é também um excluído da escola, porém geralmente incorporado aos cursos supletivos em fases mais adiantadas da escolaridade, com maiores chances, portanto, de concluir o ensino fundamental ou mesmo o ensino médio.

Entretanto refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem envolve, portanto, transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de "não-crianças", a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais.

O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas.

^[...] trazem no corpo e na fala as marcas de outras regiões, sinais identificadores de seu grupo social. A cor da pele, as marcas das dificuldades da vida, a maturidade de quem foi obrigado a precocemente entrar no mercado de trabalho caracterizam o grupo social do curso noturno de maneira diferenciada aos bem-nascidos dos cursos regulares diurnos (HADDAD, 1997, p.156).

METODOLOGIAS ADEQUADAS À REALIDADE DE ALUNOS TRABALHADORES

Conforme Diniz (2009) o processo de alfabetização das turmas de EJA esta ancorado em práticas indispensáveis de leitura e escrita que também são desenvolvidos com crianças nas séries iniciais. Isso não quer dizer que o professor vá trabalhar lançando mão dos mesmos materiais e estratégias com públicos tão distintos. Não faz sentido. Esse é um dos motivos que levam os mais velhos a fracassarem e abandonar a escola.

É preciso escolher textos e músicas, por exemplo, que tenham a ver com o mundo desses estudantes e despertem e curiosidade deles. Outro fator decisivo para o sucesso do grupo está no discurso do educador. Ele deve conversar constantemente com os alunos sobre as estratégias que adota sobre o que os alunos gostariam de ver, sobre sua realidade. O educador não deve deixar o tradicionalismo contagiar o ensino e a aprendizagem, dever propor mais atividades que envolvam o seu meio, agir de forma construtivista relacionando o seu conteúdo com a realidade dos mesmos, contudo em uma das questões respondidas os alunos destacaram que o ensino da regente é compreensível, de fácil entendimento, que não deixa os alunos ficar na dúvida tendo sempre paciência em explicar, se caso necessário, tudo de novo.

Deve-se ressaltar também que esses jovens já possuem uma bagagem cultural, um saber próprio, precisando apenas de algumas orientações e/ou instruções de profissionais capacitados no assunto, os quais a partir da realidade dos educandos devem favorecer aos mesmos autonomia, estimulando-os a avaliarem constantemente seus progressos e suas carências provando para elas que é possível sim, a sua aprendizagem e como ela acontece. Alguns dos jovens e adultos pesquisados dizem gostar de estudar, pois aprendem a ler e escrever, de fazer novas amizades e de poder ensinar ao outro colega em alguma dificuldade.

Diante do exposto estes profissionais precisam ter clareza e segurança quanto aos objetivos e conteúdos educativos que integram um projeto pedagógico, definindo as melhores estratégias para prestar uma ajuda eficaz aos alunos, devem ter uma especial sensibilidade para trabalhar com a diversidade, já que numa turma

poderá encontrar educandos com diferentes bagagens culturais e que possuem alguns conhecimentos sobre o mundo letrado, que adquiriram em breves passagens pela escola ou na realização de atividades cotidianas. Segundo Ribeiro (2001) é inegável, entretanto, que a participação dessas pessoas nessas atividades é muito precária, limitada e dependente; outro fator relevante é que a exclusão do conhecimento que se adquire na escola marca essas pessoas profundamente pela imagem que fazem de si e pelo estigma que a sociedade lhes impõe. Este é um dos motivos pelo qual muitas delas, mesmo tendo outras responsabilidades no trabalho e em casa decidem estudar.

É essencial acreditar nesse jovem, na sua capacidade de aprender, criar, propor e escolher, dando-lhe oportunidade de se expressarem livremente, de refletirem e criticarem, pois a educação é um trabalho de trocas, em que se ensina e se aprende dos dois lados, é um ato de amor, solidariedade e coletividade. Como afirma Freire (1980), a educação é a conscientização pelo desvelamento da realidade pelo estabelecimento de um projeto de transformação da mesma e pelo compromisso histórico de execução desse projeto que deve visar à libertação de todos os homens e sua inserção na construção da sociedade e na direção da mudança social, substituindo a realidade mágica por uma mais crítica, baseada no diálogo e modificando o conteúdo dos programas de educação para a contextualização da realidade desses jovens e adultos.

CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE

Paulo Freire defendia a ideia de que os seres humanos possuem capacidades inatas e diferentes, mas que lhe faltam apenas interesse e estímulos para desabrochar essa aprendizagem individual,a qual deve ser situada dentro de uma teoria da produção cultural e encarada como parte integrante do modo pelo qual essas pessoas produzam,transformem e reproduzam os significados do que lhes é ensinado, tornando-se autocríticos, respeitando a natureza historicamente construída de sua própria existência, sendo capazes de "ler" o mundo e começar a compreender a natureza política dos limites bem como das possibilidades que caracterizam a sociedade mais ampla.

Conforme Souza (2004) baseado em Paulo Freire a escola não pode ignorar estas experiências da vida na pobreza, mas transformar os conteúdos da escola regular, pensando em um currículo de alfabetização, baseado na formação geral do trabalhador, relacionando com a sua realidade e com as demais práticas sociais em tempos históricos do mundo contemporâneo. Por isso Freire (1980) considerava que, para que processo educativo fluísse de forma satisfatória era preciso respeitar a autonomia do educando, pois o homem, enquanto sujeito da própria história seja ele criança, jovem ou adulto, precisa ter sua condição humana respeitada, o que significa reconhecer e valorizar a autonomia daquele que busca conhecimentos nos bancos escolares. Significa combater o preconceito contra a diferença, significa conduzir-se eticamente.

Segundo Souza (2004) baseado em Freire a educação se dá pela conscientização, pelo desvelamento da realidade, pelo estabelecimento de um projeto de transformação da mesma e pelo compromisso histórico de execução desse projeto que deve visar à libertação de todos os homens.

Em seu livro Conscientização: teoria e prática da libertação (1980, p.49) ele escreve que "pensava desenvolver um método, aqui no Brasil, através do qual fosse possível para os analfabetos aprender facilmente a ler e a escrever, mas perceber que a melhor maneira não era desafiar o espírito crítico, a consciência do homem, mas procurar introduzir, na consciência das pessoas alguns símbolos associados a palavras". E, em um segundo momento, "desafiá-las criticamente para redescobrir na associação entre certos símbolos e palavras e assim apreende-las".

Partindo desses pressupostos pode-se notar que a conscientização segundo Freire (1980) tem como ponto de partida o próprio homem brasileiro, o homem do povo, com sua maneira de ver e compreender a realidade, por isso a única maneira de ajudar o homem em sua realidade existencial, em seu ser, é inserindo-o na construção da sociedade e na direção de uma mudança social, substituindo sua realidade mágica por uma mais crítica, baseada no diálogo e modificando o conteúdo dos programas de educação.

E por fim uma ação pedagógica libertadora bem planejada em que seja possível atingir os objetivos através da prática do diálogo em que o professor e o aluno se respeitem e construam mutuamente novas relações com á vida e com os desafios que se apresentam a esses dois lutadores.

Quanto aos métodos e práticas de Paulo Freire, ele faz um convite ao jovem e adulto alfabetizando que este sai do conformismo em que se encontra e compreenda que o mesmo é fazedor de sua própria cultura;

De um lado e do outro do trabalho em que se ensina e aprende a sempre educadores-educandos e educandos-educadores. De lado a lado se ensina de lado a lado se aprende.

A educação é também um ato coletivo e solidário e nunca se dá isoladamente. "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 1987, p. 1)

A respeito da citação acima Freire é muito feliz em sua falar, pois todos temos o que ensinar e o que aprender, aprendemos em conjunto, embora de formas e maneiras diferenciadas, aprendemos nos socializando e nos comunicando com outrem e nunca sozinhos.

Ainda segundo Souza (2004), outro ponto importante que não se pode deixar de abordar são as atividades de alfabetização, que Freire as chamou de "universo vocabular mínimo" entre os alfabetizandos. É trabalhando este universo que se escolhe as palavras que farão parte do programa. Estas palavras mais ou menos dezessete, chamadas palavras geradoras, devem ser de grande riqueza fonética e colocadas, necessariamente, em ordem crescente (das menores para as maiores dificuldades fonéticas) dentro do contexto mais amplo da vida dos alfabetizandos, e da linguagem local, que por isso mesmo é também nacional.

Portanto, o papel do educador e precipuamente do educador da EJA é mediar a aprendizagem, priorizando, nesse processo, o que o aluno traz sua bagagem cultural, seu saber próprio, ajudando-os a transpor esse conhecimento para o "conhecimento letrado".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas feitas, percebe-se que a EJA durante décadas procurou ocupar seu lugar na história da educação básica de adultos. Também se pode notar que muitos programas foram criados, mas sua duração não permitiu aos jovens concluir seus estudos no ensino regular, deixando estes muitas vezes desencorajados e desestimulados a estudarem.

Embora tenha passado por esses problemas, a EJA, definitivamente ocupa seu lugar, sendo amparada por lei, o que torna obrigatória e gratuita a sua inclusão no processo de ensino.

Para tanto, os profissionais que atuam na EJA precisam ter clareza e segurança quanto aos objetivos e conteúdos educativos que integram um projeto pedagógico, definindo as melhores estratégias para prestar uma ajuda eficaz aos alunos, devem ter uma especial sensibilidade para trabalhar com a diversidade, já que numa turma poderá encontrar educandos com diferentes bagagens culturais e que possuem alguns conhecimentos sobre o mundo letrado, que adquiriram em breves passagens pela escola ou na realização de atividades cotidianas. É inegável, entretanto, que a participação dessas pessoas nessas atividades é muito precária, limitada e dependente e que a exclusão do conhecimento que se adquire na escola marca essas pessoas profundamente pela imagem que fazem de si e pelo estigma que a sociedade lhes impõe. É por isso que muitas delas, mesmo tendo outras responsabilidades no trabalho e em casa decidem estudar.

É essencial acreditar nesse jovem, na sua capacidade de aprender, criar, propor e escolher, dando-lhe oportunidade de se expressarem livremente, de refletirem e criticarem, pois a educação é um trabalho de trocas, em que se ensina e se aprende dos dois lados, é um ato de amor, solidariedade e coletividade. Sua inserção na construção da sociedade e na direção da mudança social garante a substituição da realidade mágica por uma mais crítica, baseada no diálogo e modificando o conteúdo dos programas de educação para a contextualização da realidade de jovens e adultos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição Federal da República Federativa do Brasil. Brasília: Congresso Nacional. 5 de outubro de 1988.

______. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n.º 9394/96. 20 de dezembro de 1996.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Resolução CNE/CEB n.º 1, de 5 de julho de 2000 e Parecer CNE/CEB n.º11/2000. Brasília, 2000.

_____. Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. MEC, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2000.

DINIZ, Melissa; VICHESSI, Beatriz. Educação de Jovens e Adultos: prática adequada. **Revista Nova Escola.** N. 227, novembro, 2009.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. 3 ed. São Paulo: Moraes,1980.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO José E. (org.). **Educação de Jovens e Adultos**: teoria, prática e proposta. 10. ed. São Paulo:Cortez:Instituto Paulo Freire,2008.

NOVAIS, J. G. O Proeja e sua efetividade na inclusão de alunos trabalhadores na Educação Profissional. Aracaju. Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia (ULHT). 2010.

RIBEIRO, Vera Maria Mosagão. **Educação de Jovens e Adultos**: ensino fundamental proposta curricular. São Paulo: Ação Educativa. 2001.

SOUZA, Jane de Oliveira. **Visão e contribuição de Paulo Freire dentro da educação de jovens e adultos**. Monografia do curso de Pedagogia. Aracaju: Faculdade São Luís, 2004.